

Programa de alfabetização já diplomou mil operários

DF - Educação
JORNAL DE BRASÍLIA

1* MAI 1996

TAÍS BRAGA

Renato Alves

“Eu vivia na escuridão”, constatou o operário Domiciano Lopes dos Santos, ao receber das mãos do governador Cristovam Buarque o certificado de conclusão do curso de alfabetização que frequentou durante oito meses. Com ele, outros 1.000 operários foram alfabetizados, dentro do programa alfabetização nos canteiros de obras, iniciado em 1991.

O governador deu uma aula simbólica, ontem, no refeitório do canteiro da empresa Paulo Octávio, para marcar o fim da primeira fase do programa de alfabetização e comemorar o dia dos trabalhadores. Buarque emocionou-se ao ouvir as palavras do aluno: “Nós não tivemos oportunidade, mas vamos poder dar aos nossos filhos, que são novos”.

Aos 42 anos, Domiciano é um pedreiro piauiense, casado com uma professora desempregada. Veio para o DF “ganhar a vida”. O filho aprendeu a ler primeiro do que ele, mas não o desanimou. Há sete anos trabalha na empresa e hoje se define como “um homem melhor, mais educado e com mais possibilidades. Aprender a ler muda a vida da gente”. Ontem, não cabia em si de contente.

Acidente - Orgulhosa, a professora Maria José Miranda fez uma avaliação da turma e deu nota nove pelo desempenho dos seis alunos. Utilizando o método Paulo Freire, Maria José disse que em dois meses



O operário Domiciano Lopes dos Santos recebeu emocionado, das mãos de Cristovam Buarque, seu diploma de alfabetização

de aula os resultados já eram visíveis. “Quando eles conseguem ler a primeira palavra, é uma vibração”. A professora revelou que as aulas serviram de aprendizado também para ela. “Aprendo muito com eles, que têm uma experiência de vida fantástica”, explicou.

Segundo o empresário Paulo Octávio, o número de acidentes de trabalho diminuiu com a alfabetização dos operários, assim como a produtividade. “Sentimos que trouxe-

mos um pouco de cidadania para os nossos trabalhadores”, acrescentou. Alfabetizados, os operários estão conseguindo melhorar as suas posições na empresa.

O eletricitista José de Paiva Costa, 35 anos, é um exemplo. Um dos 73 alunos da primeira turma do programa, hoje está na 4ª série. Ainda lembra que a primeira coisa que leu foi o letreiro do ônibus que o leva para casa, na Ceilândia: “343.1, da Alvorada”, disse.

Ele entrou na empresa há seis anos. Agora é encarregado de eletricitista e pretende subir na profissão. Paiva disse que hoje se sente “mais seguro”. Nascido em Crateus, no Ceará, foi um garoto pobre de uma família com oito filhos. Teve que trabalhar cedo para ajudar a criar os irmãos menores. Casado e pai de uma filha, hoje tem uma visão diferente da vida. “Quero dar educação à minha filha. Fazer o que o meu pai não teve condições”.